



REVISÃO DE CONHECIMENTO DE LIVROS PARA INFÂNCIA SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

Eixo Temático 30 – Pedagogias de Gênero e Sexualidade em Artefatos Culturais: Potencialidades para a educação a formação docente

Lissa Carvalho de Souza ¹
Constantina Xavier Filha ²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a realização de uma revisão de literatura, do tipo estado do conhecimento, de produções acadêmicas que trabalham com livros infantis a respeito de gênero e sexualidade, com o intuito de traçar um panorama do que tem sido produzido sobre essas temáticas, as lacunas nessas produções e possibilidades futuras de estudo. A busca foi feita no Portal de Periódico CAPES e as bases teórico-metodológicas das análises foram os estudos pós-críticos. As análises apontaram que, muitos artigos mencionam que os livros atuais para infância têm trabalhado com a desestruturação de ideias fixas e binárias de gênero e sexualidade, mas também se verificou a escassez de livros que abordem violência e abuso sexual infantil, que são direcionados para o público infantil.

Palavras-chave: Livros para infância, Gênero e Sexualidade, Educação.

Introdução

Os estudos de revisão podem ser classificados em dois grupos: os estudos de mapeamento e os de avaliação e síntese. Os que se configuram no grupo de mapeamento

¹ Doutoranda do curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS, lissa.carvalho@ufms.br;

² Docente Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, na Faculdade de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEdu, constantina.xavier@ufms.br.



envolve os que mapeiam campos do conhecimento e possuem a finalidade central de oferecer caminhos e referências teóricas para que novas pesquisas sejam realizadas, podendo ser classificados como: levantamento bibliográfico, revisão de literatura, revisão narrativa, estado da arte, estado do conhecimento, estado da questão e estudos bibliométricos. Enquanto que os de tipo avaliação correspondem a: revisão sistemática, integrativa, sínteses, metassínteses qualitativas e metassumariações (Cock et. al., 2022).

A respeito disso, assim como os estudos classificados como estado da arte, o estado do conhecimento tem a finalidade de realizar levantamentos do que é conhecido sobre um assunto determinado por meio de pesquisas realizadas em uma área específica, produzindo um panorama que define temáticas recorrentes e pontua novas perspectivas. Porém, a diferença entre eles é que o estado de conhecimento se trata de um estudo documental e bibliográfico que destaca somente um setor de publicações a respeito do tema estudado. Assim, o mapeamento realizado compreende uma limitação temporal e espacial, e oferece apenas um dos diversos pontos de vistas possíveis a respeito de um assunto ou questão. Mesmo com essas limitações, esse estudo de revisão permite uma compreensão do que tem sido produzido e novas possibilidades de análises (Cock et. al., 2022).

Nesse sentido, este artigo compreende o primeiro grupo de estudos de mapeamento, tendo como objetivo apresentar uma revisão de literatura do tipo estado do conhecimento, de produções de artigos acadêmicos que mencionam livros infantis com temáticas de gênero e sexualidade, para traçar um panorama do que tem sido produzido a respeito dessas temáticas, as lacunas nessas pesquisas e possibilidades futuras de estudo, não tendo a pretensão de considerar que o exposto aqui compreende a totalidade de estudos realizados sobre essa temática, visto as limitações de buscas e da temporalidade deste trabalho.

O interesse por mapear a produção de livros infantis que abordam gênero e sexualidade, parte da complexidade, mas também potencialidade, desses materiais, tendo em vista que permitem a promoção de debates sobre diversidades de gênero com o público infantil. Porém, é um território perigoso de se aventurar, tendo em vista a notoriedade de discursos de proteção à família e às crianças que a direita conservadora tem reiterado. Assim, essa ala conservadora tem se aprimorado e retomado esses



discursos em resposta as mudanças nas estruturas sociais, com as conquistas de direitos de segmentos minoritários da sociedade. Para frear essas mudanças, assim como dismantelar democracias, incentivam-se o levante popular contra a suposta “ideologia de gênero”, buscando a proteção da família e das crianças, mas somente àquelas que se encontram dentro dos moldes burgueses e cis-heteronormativos (Biroli; Vaggione; Machado, 2020).

Nesse sentido, esse conflito de forças tem provocado o estado de alerta sobre a educação, nas escolas e fora dela, principalmente quando direcionadas às crianças, de modo que, discursos conservadores buscam constantemente identificar qualquer vestígio do que caracterizam enquanto a “ideologia de gênero”. Criou-se um medo de que esses materiais e práticas discursivas fossem capazes de influenciar as crianças, findando sua suposta inocência infantil, e incitando uma sexualidade que deve ser inexistente nesse período do desenvolvimento (Biroli; Vaggione; Machado, 2020). Mas, contraditoriamente, também tem sido notabilizado o aumento da produção de materiais sobre educação sexual, corpo, sexualidade e diferenças, direcionados a esse público infantil. Dessa forma, os livros de história tem sido um desses artefatos culturais que tem alcançado destaque para abordar essas temáticas (Xavier Filha, 2014).

Os livros, neste trabalho são considerados como artefatos culturais de educação das infâncias, as quais possibilitam a educação de “formas de ser”, ou seja, participam na construção de identidades, para a educação dos sujeitos/as (Fischer, 2002). Assim, esses materiais compõem um desses elementos de uma grande rede que compõe os dispositivos pedagógicos de educação das infâncias, os quais estão relacionados com o que se pensa sobre a infância, como se pensa, o que está incluído nesse conceito “infância”, e os problemas emergentes de cada período histórico.

Para tanto, o trabalho utiliza como bases teórico metodológicas os estudos pós-críticos, situando-se na interface dos estudos de gênero e dos estudos culturais. Nessa perspectiva, não se busca explicar “a” realidade, sob uma ótica totalizante e universalizantes, de modo que, busca-se menos respostas sobre o que de fato as coisas são, preocupando-se mais em descrever e problematizar processos, nos quais os significados e saberes são produzidos em determinados contextos (Meyer, 2012).



Resultados e discussão

Para a construção deste estado do conhecimento, foi feita a busca de artigos e capítulos de livros no Portal de Periódicos Capes, com os seguintes descritores: livros, infâncias, gênero e sexualidade. A partir dessa busca, foram encontrados 25 artigos e capítulos, mas somente 20 estavam disponíveis, e desse material, 11 foram utilizados para análise. Os trabalhos desconsiderados, mesmo que abordassem gênero e sexualidade na educação, não traziam no corpo do texto menção a nenhum livro, que é o foco principal deste estudo.

Assim, dos 11 trabalhos analisados, 10 são da área de Ciências Humanas e um das Ciências Aplicadas, produzidos entre os anos 2000 e 2024, sendo dois capítulos de livros e 9 artigos científicos, uma das publicações foi escrita em espanhol, porém, foi escrita por pesquisadores/as brasileiros, e duas autoras tiveram mais de uma publicação sobre o tema, sendo elas Jane Felipe, com duas publicações, e Constantina Xavier Filha, com três publicações.

As publicações foram organizadas em eixos temáticos para a realização das análises, sendo eles: “Desafiando as normas de gênero”, “Educação para controle dos corpos”, “A violência e o abuso sexual infantil”. No primeiro eixo, são reunidas diversas publicações que abordam o uso da literatura infantil como ferramenta pedagógica para refletir sobre questões de gênero e sexualidade na infância, com destaque para obras que desestabilizam os papéis normativos e promovem a diversidade.

Os estudos, como os de Tortato, Casagrande e Carvalho (2009), e Batista e França (2022), utilizaram livros em contextos escolares e de formação docente para sensibilizar sobre estereótipos e ampliar as possibilidades de representação de gênero. Outros trabalhos, como os de Agapto e Nunes (2023) e Salgado e Souza (2020), analisaram obras modernas e coletâneas digitais que retratam infâncias dissidentes, não apenas como recurso infantil, mas também como instrumento de reflexão para adultos e educadores. Já Xavier Filha (2012, 2014), realizou uma pesquisa extensa sobre livros infantis, destacando mudanças nas representações de gênero, a permanência de discursos normativos e o surgimento de obras que propõem abordagens mais críticas e lúdicas,



reconhecendo as crianças como sujeitos sexuados e capazes de questionar padrões impostos.

No segundo eixo, estão reunidos estudos que analisam obras literárias e materiais pedagógicos com representações normativas e fixas de gênero. O trabalho de Jane Felipe (2000) examina manuais e revistas da primeira metade do século XX em Porto Alegre, voltados à formação moral de crianças sob uma ótica conservadora e binária, em que meninas deveriam servir e ter como única trajetória a busca por um matrimônio, e os meninos sendo rigidamente vigiados, para evitar práticas consideradas indevidas, como a masturbação e práticas sexuais homoeróticas e homoafetivas.

De Lima (2015) analisa a infância eterna nos personagens de *Peter Pan* e *Entrevista com o Vampiro*, mostrando como o não envelhecer afeta de formas distintas meninos e meninas — para eles, como liberdade; para elas, como repressão e aprisionamento a papéis domésticos. Já Xavier Filha (2011), investiga como crianças constroem representações de gênero a partir dos contos de fadas, destacando como foi mais recorrente as meninas, em comparação aos meninos, reiterarem as normatizações de corpos e comportamentos comumente atribuídos ao feminino, ao se referirem as princesas, além de elas também apresentarem maior dificuldade em inventar princesas com características e comportamentos que se desviem desses modelos rígidos. Por meio da leitura de livros que subvertem essas representações tradicionais normativas, a autora possibilitou que os/as alunos/as refletissem sobre as diversas possibilidades de construção e representação de personagens mais diversos, permitindo a desconstrução de normas de gênero fixas e idealizadas.

No terceiro eixo, se discute a escassez de obras literárias que abordam a violência e o abuso sexual na infância, especialmente quando as vítimas são meninos. Assim, o tema é levantado por Xavier Filha (2014), quando ela menciona o livro *Segredo segredíssimo* (Barros, 2011) como uma exceção no universo infantil. Rosa e Felipe (2022) ampliam esse debate ao analisarem memórias literárias de autores que retratam abusos sofridos na infância, como *O primeiro estupro* (Silva, 2020) e *Três Porcos* (Labes, 2020), obras voltadas ao público adulto — que foram aqui consideradas, por conta da escassez de materiais encontrados sobre o tema — que expõem vivências masculinas silenciadas, marcadas por traumas, culpa e abandono familiar.



O autor e a autora evidenciam como o machismo estrutural invisibiliza esses casos, reforçando a dificuldade de meninos em relatar abusos, por medo de julgamentos ou de associações com a homossexualidade. Além dessas obras, também são citados livros como: *Sem medo de falar* (Ribeiro, 2014) e *Antônio* (Ferreira, 2012), que se somam ao poucos livros voltados ao público infantojuvenil.

Considerações finais

A cruzada contra o gênero propiciou a força e o levante do autoritarismo, de modo que, as políticas de direita, ao utilizarem como retórica a ameaça que representavam essas conquistas, buscaram, a partir disso, destruir instituições democráticas, modificar currículos escolares e desafiar organizações que dão suporte a pesquisas científicas. A partir disso, os livros para infância sobre gênero e sexualidade, configuram-se como artefatos culturais importantes para resistir contra esses movimentos conservadores, ao propiciarem discussões sobre igualdade de gênero com as crianças.

Portanto, a produção de obras que tratem de questões de gênero, sexualidade e violência, são essenciais para ampliar os horizontes educacionais, mas isso não impede que essas obras possam ser normativas, reproduzindo ideias fixas de gênero, dos comportamentos desejados e esperados para meninos e meninas. Além disso, a discussão com as crianças sobre abuso e violência sexual infantil ainda é dificultada pela falta de literatura sobre a temática que seja destinada à infância, com uma linguagem adequada para esse público.

Referências

AGAPTO, Leidy Morgana de Sousa; NUNES, Iran de Maria Leitão. Isto também é assunto de criança: gênero e sexualidade na infância. In: PINHEIRO, Sirlene Mota; MOURA, Jónata Ferreira de (org.). *Corpos, gênero e sexualidades nas ciências humanas e sociais: desafios da atualidade*. São Luís: EDUFMA, 2023, p. 277-298.

ANDRADE, P. D. de; COSTA, M. V. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. *Educação em Revista*, v. 33, p. 1-23, 2017.



BATIST, Ingrid Yasmin Oliveira da Silva; França, Fabiane Freire. *Infância, gênero e sexualidade: ações pedagógicas em uma escola do interior do Paraná*. In: Seminário direito, comunicação e cidadania, 1, Santa Catarina. *Anais...* São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 127-137.

BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos. *Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina*. São Paulo: Boitempo, 2020.

BRENMAN, Ilan. *Até as princesas soltam pum*. 3. reimpressão. São Paulo: Brinque-Book,

CASTRO, Fylicia de Almeida Santo; FRANKLIN, Cleber Batalha.; VERBICARO SOARES, Douglas. *VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO BRASIL: ANÁLISE DO CASO DANDARA*

KETLELY DE VELASKES. *Revista Amor Mundi*, v. 5, n. 1, p. 49–65, 2024.

CAGNIN, Daiane Cecília; SPAZIANI, Raquel Baptista. “*LUTE COMO UMA PRINCESA*”: PEDAGOGIAS FEMINISTAS NA EDUCAÇÃO DAS INFÂNCIAS. *Diversidade e Educação*, v. 10, n. 2, p. 124-143, 2022.

COCK, J. C. A. D. N. et al. Pesquisas sobre implementação de políticas educacionais no Brasil: um estado do conhecimento. *Educação em Revista*, v. 38, 2022.

DE LIMA, Eldes Ferreira. A ausência do amanhã: a eterna infância em ‘Peter Pan E Wendy’, Dej. m. Barrie, e ‘Entrevista Com O Vampiro’, de Anne Rice. *Revista de Estudos Literários da UEMS*, v. 1, n. 10, p. 109-123, 2015.

FELIPE, Jane. Infância, Gênero e Sexualidade. *Educação & Realidade*, v. 25, n. 1, 2014.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e pesquisa*, v. 28, p. 151-162, 2002.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert Lederer; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GOMES DE JESUS, Jaqueline. Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo. *Universitas humanística*, n. 78, p. 241-257, 2014.

MEYER, D. E. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, D. E; PARAÍSO, M. A. *METODOLOGIAS DE PESQUISAS PÓS-CRÍTICAS EM EDUCAÇÃO*. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 47-61, 2012.



LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *Revista estudos feministas*, v. (9), p. (541-553), 2001.

ROSA, Cristiano Eduardo da; FELIPE, Jane. Representações da violência/abuso sexual contra meninos em obras de literatura: entre a denúncia e a resistência. *Revista Prâxis*, v. 2, p. 269–286, 2022.

TORTATO, Cíntia Souza Batista; CASAGRANDE, Lindamir Salete; DE CARVALHO, Marília Gomes. Construcción de valores y diferencias mediante la literatura infantil: género y diversidad sexual en la escuela. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 5, n. 17/18, p. 19-27, 2009.

XAVIER FILHA, Constantina. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, p. 591-603, 2011.

XAVIER FILHA, Constantina. Representações de corpo masculino e feminino em pesquisa com crianças. *Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade*, n. 19, 2012.

XAVIER FILHA. Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância. *Educar em Revista*, n. 1, p. 153–169, 2014.